

A REAÇÃO DE FHC

Da Agência Estado

O presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu romper o silêncio. Aproveitou uma solenidade no Palácio do Planalto e fez um longo desabafo, referindo-se pela primeira vez ao grampo na Telebrás, depois que foram publicados trechos de suas conversas com o ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) André Lara Resende. O presidente disse que, aos 68 anos — que completa no dia 18 — nunca houve suspeita sobre sua conduta na vida pública. Nas conversas, ele autoriza Lara Resende a usar o seu nome para pressionar a Previ, o fundo de pensão do Banco do Brasil, a se associar ao consórcio Opportunity-Stet.

“Nunca tive qualquer coisa, a mais remota, que pusesse suspeição de algum interesse, no exercício do cargo público, que não fosse o do povo, do meu país”, afirmou. “Com esta mesma tranqüilidade, acho que temos de levar adiante as transformações do Brasil; sem temer, sem confundir as coisas.”

O discurso, de 20 minutos, foi carregado de indignação. “Meu Deus! Há limites da paciência nacional!”, chegou a dizer Fernando Henrique, para quem, da forma como as denúncias estão sendo feitas, só pode haver desconhecimento ou má-fé. “São fatos tranqüilos, serenos, que podem ser julgados, podem até estar errados, mas que não podem ser objetos de utilização pela paixão política e muito menos pela voracidade de mercado, que faz esquecer que nós estamos numa nação”, pediu.

“Não há nada no governo e na vida que se mantenha por longo prazo e que não tenha fundamento moral. Eu me orgulho de dizer que esse governo é de moral”, disse Fernando Henrique, argumentando que, por isso, o Executivo não pode “transigir com as leviandades, com as interpretações malévolas, com as insinuações, distorções, seja lá de quem for”.

O presidente também acusou a oposição de tentar “transformar esse país numa terra sem lei, sem justiça”. Segundo ele, a oposição está confundindo impeachment com multa de trânsito. Fernando Henrique afirmou que não é possível aceitar isso, principalmente quando são “aleivosias sobre o presidente da República e quando se tenta banalizar a apropriação da privacidade de alguém simplesmente para fazer barulho ou como ensejo para

banalizar um instrumento constitucional da maior respeitabilidade”.

Ao fazer referência direta às acusações de ter privilegiado o Opportunity, o presidente disse: “Até mesmo quando, levemente, alguns imaginam que o governo ter-se-á embrenhado em assuntos privados, quando, na verdade, o governo estava defendendo o interesse público, defendendo com energia”.

IMPrensa

Ao falar como professor de ciências sociais, Fernando Henrique afirmou que reprovaria um aluno que tratasse o envolvimento dele no favorecimento ao Opportunity da forma como foi tratado pelo noticiário. Sem citar diretamente a imprensa, acusou os jornalistas de mostrar uma parte da questão, de não colocar a transcrição dos diálogos telefônicos grampeados dentro do contexto e de usar, de “forma desproporcionalmente grande”, um fragmento do assunto.

“Se algum aluno meu fizesse isso, eu reprovaria. Por ser incompetente, ou imoral, ou não ter a capacidade de entender do que se trata”, afirmou. “Mas, como não sou mais professor, sou apenas presidente da República, eu quase sempre calo.” Segundo o presidente, quando ele se cala, não é por consentir, concordar ou temer as acusações que lhe são feitas. “Calo porque sei a responsabilidade do meu cargo, o cargo em que o povo me pôs duas vezes já.”

Ele se queixou ainda da indiferença de alguns setores, que não reconhecem o que o governo vem fazendo. “Não por mim, não pelos ministros, mas pela sociedade”, disse. Pediu que a população seja capaz de “enfrentar desafios grandes, enraizar a democracia, separar o que é abuso do que é crítica, o que é verdade do que é suspeita, a suspeita que tem fundamento da suspeita que não tem nenhum (fundamento)”.

Para Fernando Henrique, além de crescimento econômico ou de distribuição de renda, o país precisa de outro elemento. “Mais educação inspirada na consciência de uma forte motivação moral que não confunde nunca o interesse particular com o público”, receitou. “Tenho certeza que esse é o único caminho que nos levará a evitar no futuro que pessoas de boa-fé, trabalhadores que têm sua vida dedicada, sejam postas no pelourinho”. Ele afirmou que isso vale tanto para os que exercem funções públicas como aos que as criticam.

Wanderlei Pozzembom



Fernando Henrique não poupou a imprensa, a quem acusa de tratar de forma desproporcional o caso do grampo: “Se um aluno meu fizesse isso, eu reprovaria”

O QUE DISSE O PRESIDENTE

RESPONSABILIDADE

“É leviana a interpretação, quando ela toma a parte e não mostra o contexto, quanto pega o fragmento e transforma o fragmento em uma coisa desproporcionalmente grande. Eu, como sou cientista social, quando faço exegeses de textos, se algum aluno meu fizesse isso, eu reprovaria por ser incompetente, ou imoral, ou não ter a capacidade de entender.”

IMPEACHMENT

“Há quem confunda a Constituição. Até mesmo o instituto tão importante como o do impeachment, como uma transgressão do Código de Trânsito, e a toda hora toma multa. Meu Deus! Há limites na paciência nacional!”

MORALIDADE

“Hoje, porque aqui se está discutindo uma questão que é da educação; quero terminar dizendo que não há nada, não só no governo, mas na vida, que se mantenha por longo prazo, que responda ao julgamento tranqüilo da história, que não tenha fundamento moral. Sem moral, não há progresso. E eu me orgulho em dizer: este governo é um governo de moral. É um governo que cumpre, dentro do possível, das condições, o que diz que é necessário.”

CIDADANIA

“Espero que, com essas bolsas de estudo, nós possamos formar cidadãos que tenham realmente o

compromisso moral mais forte do que aquele que até hoje foi possível alcançar em muitos dos nossos costumes.”

PELOURINHO

“A sociedade que tem de se orgulhar de si mesma, que tem de se sentir como uma sociedade capaz de enfrentar desafios grandes. Capaz de enraizar a democracia e de separar o que é abuso do que é crítica; o que é verdade do que é suspeita. A suspeita que tem fundamento da suspeita que não tem nenhum. Eu tenho certeza que esse é o único caminho que nos levará a evitar que no futuro pessoas de boa fé, trabalhadoras, que têm sua vida dedicada, sejam postas no pelourinho. E só há um caminho

para isso. É mais educação, mais educação, mais educação.”

INTEGRIDADE

“Estamos aqui numa nação, e não num mercado. Até mesmo quando levemente alguns imaginam que o governo ter-se-á embrenhado em assuntos privados quando, na verdade, o governo estava defendendo o interesse público; defendendo com energia. Porque com a serenidade que nos caracteriza, com a tranqüilidade do dever cumprido, eu até diria — com a satisfação de dizer que chego aos 68 anos de uma vida de trabalho — nunca, e eu friso, nunca tive qualquer coisa, a mais remota, que pusesse suspeição de algum interesse, no exercício do cargo público, que não fosse o do povo, do meu país.”